



Espaços em movimento: rotas cruzadas

Spaces in movement: crossed routes

Maria Cecília França Lourenço

Professora Titular Sênior. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. Líder do Grupo Museu/ Patrimônio. mcfloure@usp.br. São Paulo, capital, Brasil

Resumo

O número Quatro da *Revista ARA* aceitará Submissão subordinada ao tema – “Espaços em movimento” e este texto pretende debater alguns aspectos visando incentivar múltiplas colaborações, como se pode aferir no site <http://www.museupatrimonio.fau.usp.br>

Palavras-Chave: Espaço. Movimento. Cultura contemporânea. Submissão.

Abstract

The next issue of the periodic *ARA* will accept Submission on theme - “Moving Spaces” and this text intends to release certain aspects to encourage multiple collaborations, how can you evaluate on the site <http://www.museupatrimonio.fau.usp.br>

Keywords: Spaces. Movements. Contemporary Culture. Submission.

Existe espaço sempre que se tome em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é o cruzamento de móveis. É de certo modo alimentado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram [...]. Em suma o espaço é um lugar praticado.

Michel de Certeau (1999, 202)

O Número 4 da *Revista Ara* versará sobre *Espaços em movimento* dando continuidade aos debates analisados nas edições anteriores, a saber *Objeto, Tempo e memória, (In)Visível* por sugestão do *Grupo Museu Patrimônio/GMP* da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ FAU da Universidade de São Paulo/USP e decisão do Conselho Editorial. Julgou-se a questão do espaço objeto de relevo para os dias correntes, porquanto vem sendo abordado pelas artes em geral, interpretado por estudos universitários em diversos estágios, anunciado pelas variadas mídias e, lamentavelmente, documentado em imagens trágicas em face de diásporas, exílios, expatriações e mobilidade forçada ante situações extremas.

Desde o Século XV engenhocas foram inventadas para transformar o espaço tridimensional em representação bidimensional por meio de coordenadas geométricas, geradoras da perspectiva cônica. Tal aproximação visual dialoga com as grandes navegações e a perplexidade ante a descoberta e a extensão de áreas habitadas, julgadas vazias. Provavelmente denotem maravilhamento na constatação de novos espaços ao se aportar em território em tudo distinto. Não obstante, o colonialismo possui aspectos deploráveis como o juízo do Outro na acepção de mero objeto, passível de se exercer domínio sob essas mentes, a par daquela posse almejada pela natureza, tida como manancial de recursos.

Durante o Século XIX teóricos, artistas e cientistas inseriram, compararam e conceberam vieses diferenciadores tanto no “uso” quanto na “recepção” em

espaços, valendo-se da denominação tátil ligado a aquele (o uso) e, ótico a este. Na Década das Fricções, os Anos 1960, porém, até os Anos 1970 a incluir 1980, textos icônicos recolocaram o espaço, não mais de forma linear, sucessiva e crescente e associado ao progresso e avanço, mas em constelações móveis.

A analogia entre os eixos horizontal, vertical e profundidade engendrou a quarta dimensão – o tempo, presente em formas literárias, musicais, teatrais, na dança e, em especial nas artes visuais de feição construtivista. Com o fim da Segunda Guerra reacenderam-se as esperanças de espaço, movimento e tempo mais harmônicos e humanizados. Similarmente misturam-se os consagrados gêneros artísticos, vigentes nas chamadas Academias. O imperativo para criar categorias analíticas ao uso e fruição do espaço mobilizou distintos setores, desde as artes, filosofia, aos sociólogos, geógrafos e pensadores de um modo geral.

Espaço, então, conquistou densidade e, entre as proposições mais férteis em estabelecer interpretações sobre espaço urbano cotidiano e/ou estrangeiro ressaltam-se Michel Foucault (1926-89), quando interpretou espaço em movimento como instância ordenadora e local privilegiado de poder, em *As palavras e as coisas: arqueologia do saber* (1966); acrescenta-se outra também apreciada na atualidade, ou seja o manifesto para ocupação de espaços em “deriva”, caminhar sem direção pré-estabelecida e errante, elaborado em vários textos e consolidado no estímulo seminal na obra de Guy Debord (1931-94) *A sociedade do espetáculo* (1967). Sem hierarquizar há que se mencionar em mesmo patamar o criador do “multiculturalismo” Stuart Hall (1932-2014), a ser ponderado a seguir.

Vale ecoar a mudança de ponto de vista analítico proposto por Hans Robert Jauss (1921-97) ao agregar espaço na questão da criação. Salientou o fato de que as obras são historicamente fecundadas na relação autor e público, ambos fincados em espaço social, não raro distinto. O escritor criou o conceito de “horizonte de expectativa”, na célebre aula inaugural na Universidade de Constança/ ALE, (1967). Na derradeira década aqui em exame, a de 1970,

ressaltaram-se duas fontes: a sempre lembrada proposição de Rosalind Krauss (1941) unida ao tema *A escultura em campo estendido* (*October*, 1979 (8), p.31-44); ao lado de espaços na chave de “lugar praticado”, em Michel de Certeau (1925-86) *A invenção do cotidiano: 1-arte de fazer*” (1980)¹.

Entre os pensadores brasileiros Milton Santos (1926-2001) realizou marcante conceituação, desde 1978, em que a todo momento reafirmou o elo indissociável entre espaço e viver humano. A nova edição de seus textos pela Editora da Universidade de São Paulo/ Edusp documenta de forma indiscutível a permanência dessa preocupação em artigos, palestras e livros².

Ao estudar o espaço da cidadania em 1987 aprofunda debate entre mercado e sociedade a gerar segmentação societária. Inicia a argumentação alertando que o espaço e o mercado constituem “forças modeladoras para o todo”, porquanto “(...) enquadram diferenciações desigualadoras, na medida em que são, ambos, criadores de raridade” [2011 [1987], 138-9]. Mais adiante situa conceito-chave a dialogar com os demais: “O espaço [...] pode ser tratado como um conjunto inseparável entre fixos e fluxos (2011 [1987], 193-4). Os fluxos seriam atuações humanas e os fixos o construído também por atuações humanas.

Otimista em 1991 redige o texto *A revolução tecnológica e o Território: realidades e perspectivas*, inicialmente publicado em *Terra Nova* e depois reunido na coletânea *O espaço da cidadania e outras reflexões*” (2011). Afirma: “(...) o espaço tem um papel privilegiado, na medida em que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre o passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam [2011, 60]”. Talvez

¹ Agradeço aos queridos membros do GMP/FAUUSP, com quem venho aprendendo em (re)leituras sobre tais autores, de forma sistemática e desde 1991.

² Entre estes títulos estão *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*; *Economia espacial: críticas e alternativas*; *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*; *Pensando o espaço do homem*; *O espaço do cidadão*; *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*; *Espaço e método, Técnica, espaço, tempo*.

ante as mudanças no mundo sonhasse o espaço urbano como lugar potente para a plena vida pública por meio de encontros e trocas.

Inúmeros são os autores e artistas que vêm formulando questões sobre o choque no espaço social e artístico, em face da chegada massiva de países como Alemanha e outras regiões europeias. Tal movimento se dá em superfície desigual e por indivíduos, vistos como diferentes em costumes, etnias, não raro por averiguar o contraste diante do ideológico padrão hegemônico e uma vez reitera-se - ocidental, masculino e judaico-cristão.

Debates, fóruns, textos, exposições, sons e imagens têm se revezado na denúncia de tal simplificação a ordenar o social ao financeiro. A *Revista ARA* por seu caráter inter e transdisciplinar abre-se nessa direção, considerando-se que o ensino constitui lugar antropológico privilegiado ao ensejar a formação de saber em ensaios/ artigos visuais e/ou textuais, resenha de publicação recente e de exposição sobre tais querelas candentes e em distintos suportes e mídias.

O espaço individual e o social/profissional compõem a essência humana, no entanto vêm se alargando com a entrada do ciberespaço em que velocidade potencializa-se, tempo longo cede para o aqui e agora, embaralham-se identidades, mundializam-se culturas, globalizam-se economias e forças conservadoras bradam por retrocesso ante as conquistas humanistas. Artistas rodam o mundo em obras transmutadas em diversificado espaço a contar com intervenção direta do público e patrocínio globalizado.

Documenta bem esse cenário a obra efêmera de Olafur Eliason (1967), a conviver com outras, também transitórias e expostas no Parque *High Line*, no Bairro de Chelsea/ NY. Trata-se de uma plataforma suspensa de trem abandonada desde 1980, como indicam e sinalizam no lugar e transformada em jardim a altura de 8 metros e em paralelo ao Rio Hudson. A primeira fase do Parque inaugurou-se em 2009 com 2,3 km e a terceira em 2014, com ampliações e na atualidade atravessando três bairros, distantes da área turística de Manhattan: Meatpacking, West Chelsea e Hell's Kitchen/Clinton.

Bairro antes fabril e alterado por sucessivas adaptações funcionais, remete ao movimento efetuado na obras de Eliasson. O artista se utilizou de módulo branco de encaixe de 2,5 x 5,0 cm, patrocinado por indústria de brinquedo, pousado em uma plataforma e aberta à intervenção do público, sem controle ou direcionamento aparente³. Recolhida em um dos acessos ao novo edifício nesse bairro do Whitney Museu de Arte Americana ocupava, em 2015, área entre este o *High Line*, entretanto sem tratamento museico para identificação, conservação ou vigilância ostensiva.



Figura 1- **Olafur Eliasson (1967)**. *Cidade em módulos de brinquedo, alterada pelo público. Parque suspenso High Line, construído em antigos trilhos no bairro Chelsea, NY, 2015. Foto autora.*

Reações a esse desborde de fronteiras notam-se em movimentos como multiculturalismo⁴, eclodido em numerosas áreas do saber. Entre as artes

³ Ao visitar o Parque em 2015 algumas crianças resolveram desmontar um setor e espalhar na base as peças, sem a menor preocupação com o processo de continuidade, ordenamento anterior ou reconhecimento de que já havia dada configuração elaborada antes. Os pais ao constatarem a ação tentavam explicar e realocar as peças, preocupados com eventual reação.

⁴ O questionamento sistêmico do termo muito se deveu à criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (1964), na Universidade de Birmingham (UK), em que o jamaicano e um dos

visuais aparentemente no sentido da pluralidade Norte/Sul, como se fosse uma dádiva, concessão e benesse do centro do poder para as bordas, realizaram-se muitas exposições, desde a do Centro Pompidou em Paris, denominada *Magiciens de la terre* (1989)⁵, a incluir nomes vindos de África, América Latina, Ásia, Brasil, Extremo Oriente.

A referida mostra configurou-se como icônica ao nomear a arte de vários países participantes e fora da rota - Leste/Oeste por um nome negativo - não ocidental –. Então, o que caberia no termo ocidental, se América Latina não comporia o Ocidente? Sobrariam apenas a arte europeia e estadunidense, afinal centros privilegiados para exportar poéticas, tecnologias, usos e abusos em variado espectro para afiançar domínio das bordas no terceiro Milênio, que se avizinhava? Reacende-se antigo domínio eurocentrista a olhar para o Sul, aquele dos Descobrimentos Quinhentistas. Outra vez se almejaria dar continuidade às práticas herdadas e concernentes ao território espoliado e interesse em objetos em cultura extrativista e com viés colecionista para adornar Gabinete de Curiosidades?

Além deste foco discriminatório daria para se adicionar postulados discutíveis, entre os quais: apenas no próprio espaço existiria arte erudita e, nos demais, a expressão assumiria a modalidade de magia tribal, a falar de crenças e não religião (a deles)? A economia de mercado buscaria algo como excêntrico, raro, exótico, retaguarda, pitoresco, para alavancar operações financeiras emergidas após o fim da chamada Guerra Fria, como se consagrou disputa entre Estados Unidos da América e a então União Soviética? Interessaria

fundadores Stuart Hall (1932-2014) dedicou-se ao que denominou “multiculturalismo”, para designar o trato da – diferença-, antes definida por Gilles Deleuze (1969). Em pesquisa interdisciplinar analisa-as na valoração cultural com ênfase em processos massivos, choque entre culturas, diásporas, identidade, pós colonialismo, relações de poder instáveis e móveis.

⁵ Anna Maria Guasch propôs excelente cronologia desde a mostra *Magicien de la terre* (1989) até 1995, acrescentando nesse mesmo ano a mostra “Witnesses: against our vanishing” a trazer o debate sobre AIDS no *Artists Space/ NY*; em 1990 *The década show: Frameworks of Identity* relativa aos debates fortes dos Anos 1980, elaborada em conjunto *The New Museum, The Museum of Contemporary Hispanic Art* e *The Studio Museum do Harlem* (GUASCH, 2009, 406).

desnudar culturas subalternas como pretexto para exportar as hegemônicas⁶? Sem esquecer: existiria unidade para se falar em nacionalidade, com tanto contraste um mesmo território, lá ou cá?

A arte serviria tão somente como mediação entre mercado e espaço comunicacional, na sociedade do espetáculo em plena era de veiculação por mídias em busca de estratégias para atrair patrocínio? Artistas e curadores, em troca recíproca de papéis passaram a circular em países para causar notícias, sob o manto de escolha de obras para as chamadas mostras *blockbuster*, as de catraca virada e mídia certa nas filas. Como em todos os campos, constroem-se situações detonadoras de cenas hilariantes⁷ e exaladas nos variados meios de comunicação. Crítica despreparada repete release e adjetiva pseudo idílio entre povos em nome da dita pluralidade, sob o pretexto da globalização.

Sem pudor não raro surgem frases, a resvalar em pilhéria ou menosprezo ao leitor: “grande exposição, com mais de uma centena de obras, nunca antes reunidas”. Tal enunciado sobre a suposta relação com a alteridade, silencia bastidores, por vezes pertinentes muito mais a ganhos e operações ilícitas e, o pior, que no fundo retornam a demarcação civilizatória entre Nós *versus* eles, vanguarda *versus* retaguarda, Norte *versus* Sul.

Ao ser derrubado um dos marcos da Guerra Fria, o Muro de Berlim (1989), nova conjugação política e tomada de espaços surgiram, reagindo ao domínio soviético. Após Berlim outras foram marcantes: inicialmente na Tchecoslováquia, a inaugurar ação nas ruas contra poder instalado. Seguiram-se ocupações clamando e exigindo liberdade na Romênia, Eslováquia, Lituânia e

⁶ Como se divulgou em muitas mídias na época, o curador Jean-Hubert Martin em visita ao país lamentou ter visto apenas arte similar a aquela de Paris ou Nova Iorque, a espelhar seu próprio meio e nada local e diferenciado.

⁷ Em 2016 veiculou-se com registros visuais, que ao fazer uma selfie, brasileiro havia quebrado um figura do barroco lusitano de São Miguel de Arcanjo no Museu de Arte Antiga de Lisboa/PT. Neste ano (2017) outra destas mostras na Galeria *14h Factory*, em Los Angeles resultou em três peças destruídas, cujo título convidava a essa ação: “Uma série de ambientes maravilhosos para a selfie perfeita”, aliás, uma forma de viralizar eventos rápida e sem custos para a instituição.

Estônia. Despontaram em várias latitudes espaços em fricção no urbano em função de movimentos, confrontos, atritos e desvios ocorridos até a atualidade.

Como alude Boaventura Sousa Santos, defensor da pluralidade em se enfrentar e revigorar a questão, o ciberespaço seria a ponta de lança para metamorfose do sistema da desigualdade e de exclusão (SOUSA SANTOS, 1999 [1995], 36). Em trabalho posterior, categorizou outros espaços, valiosos para se estudar espaço em movimento em instituições e espaço urbano, assim dilatando a cartografia das rotas cruzadas: doméstico, da produção, de mercado, da cidadania, e espaço mundial (SOUSA SANTOS, 2001, 273).

Não se está mais na era moderna com espaço buscando a integração e/ou a síntese das artes, em projeto harmonioso de formas, cidades, convívio e arquitetura e, tampouco, na dita requalificação de espaços por meio de instituições como museus, centro e oficina cultural. Vive-se época pós industrial, de desterritorialização e auto reclusão em telinhas, no espaço digital, para se relacionar com pretensos pares de forma instantânea e volátil.

Outra prática inaugurada nos países do Norte e viralizada em todas as mídias fixa-se na difusão parcial ou mesmo modificada de declarações, intenções e focos, denominada pós-verdade. Nestes tempos e entre nós parte de tais encobrimentos a envolver políticos e empresários, por enquanto, também desvelam-se para a grande plateia certas manobras torpes para acumulação de capital subtraído daquele público.

As artes vêm realizando produções que debatem a denominação *espaço em movimento*, desde a representação perspectiva, passando por aquela de observador e/ou objeto móvel, como cubismo, futurismo, arte ótica e cinética, entre tantas. Além de novas poéticas, apontam para o desconforto ante presente e passado, temerosos do futuro, seguidos por questionamentos teóricos sobre a rigidez e polarização advindas de contato em conflito entre espaço pessoal *versus* social.

Onde estaria o espaço da cidadania em tempos atuais? Ao contrário presencia-se espaço áspero, rugoso, pulverizado e fragmentado. Se antes a representação do espaço pressupunha admiração, harmonia e um olhar distinto em que todas as visuais se dirigiam para ele, talvez um rei, ou um mandatário, nos dias correntes incidem-se outras práticas com pouquíssima generosidade e pluralidade, cabendo aos vários campos interpretá-las, para se vislumbrar algo melhor, um convite aberto a você, para compartilhar outras aspirações com os demais.

Ciça, primavera 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1- artes de fazer** 4 ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1999 [1980].
- GUASCH, Anna Maria. **El arte del siglo XX em sus exposiciones: 1945-2007.** Barcelona: Serbal 2009.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Ática, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A construção multicultural da igualdade e da diferença.** Coimbra: CES, 1999 [1995]
- _____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2001.
- SANTOS, Milton A revolução tecnológica e o Território: Realidades e perspectivas. In: **Terra Livre.** Nº 9. São Paulo: AGB, julho - dezembro de 1991. p.7-17
- _____. **O espaço da cidadania e outras reflexões.** Porto Alegre: Fundação Ulisses Guimarães, 2011[1991].